

# A EXPERIÊNCIA EPISTOLAR DE INVESTIGADORES NARRATIVOS: CONVERSANDO E CARTOGRAFANDO VIDAS, BIOGRAFIAS E EXISTÊNCIAS

Danise Grangeiro<sup>1</sup>

Tiago Ribeiro<sup>2</sup>

**Resumo:** Através de uma conversa gerada no intercâmbio de cartas, os investigadores Danise Grangeiro e Tiago Ribeiro relatam e refletem suas travessias. O artigo trata de um encontro entre duas existências que se tocam e se deixam ressoar através de palavras em forma de corpo, de narrativas (auto)biográficas e de testemunho íntimo. A narrativa epistolar e a conversa, como forma de metodologia de pesquisa, abrem espaços para a escrita (auto)biográfica e para a formação do sujeito, através de uma reflexão sobre a prática do viver. De acordo com o artigo, o conversar é uma forma de cartografar vidas, biografias e existências que gera mundos possíveis nos solos inférteis das certezas. O texto emerge a importância de uma escuta atenta e sensível, como um dos grandes desafios da nossa contemporaneidade. As narrativas epistolares presentes no artigo têm como objetivo romper a miopia social, cultural e epistemológica. Neste movimento de escrita-leitura-conversa, os autores se detêm na percepção do indivíduo como seres em constante (des)construção. O narrar, como um ato político, permite ao ser humano a possibilidade de aprender a se cuidar em comunidade.

**Palavras-Chave:** Narrativa epistolar. Conversa. Pesquisa narrativa. Formação. Estrangeiridade.

# LA EXPERIENCIA EPISTOLAR DE LOS INVESTIGADORES NARRATIVOS: CONVERSANDO Y CARTOGRAFIANDO VIDAS, BIOGRAFÍAS Y EXISTENCIAS

**Resumen:** A través de una conversación generada en el intercambio de cartas, los investigadores Danise Grangeiro y Tiago Ribeiro informan y reflexionan

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Educação. Professora do Programa de Investigação Narrativa e (Auto)biográfica do Doutorado em Educação da Universidade de Rosário (UNR), Argentina. Investigadora e membro do Programa de Rede de Formação Docente e Memória Pedagógica da Universidade de Buenos Aires (UBA) danisegg@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Professor do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Brasil, e do Programa de Investigação Narrativa e (Auto)biográfica do Doutorado em Educação da Universidade de Rosário (UNR), Argentina. tribeiro@ines.gov.br.

sobre sus travesías. El artículo trata de un encuentro entre dos existencias que se tocan y se dejan resonar a través de palabras en forma de cuerpo, relatos (auto)biográficos y testimonios íntimos. El relato epistolar y la conversación, como forma de metodología de la investigación, abren espacios para la escritura (auto)biográfica y para la formación del sujeto, a través de una reflexión sobre la práctica de vivir. Según el artículo, la conversación es una forma de cartografiar vidas, biografías y existencias que genera mundos posibles en los suelos infértiles de las certezas. El texto apunta a la importancia de una escucha atenta y sensible como uno de los grandes desafíos de nuestra contemporaneidad. Las narrativas epistolares presentes en el artículo pretenden romper la miopía social, cultural y epistemológica. En este movimiento de escritura-lectura-conversación, los autores se centran en la percepción del individuo como un ser en constante (de)construcción. Narrar como acto político permite al ser humano la posibilidad de aprender a cuidarse en comunidad.

**Palabras Clave:** Narrativa epistolar. Conversación. Investigación narrativa. Formación. Extranjería.

### Além do confessável

"Algo parecido ocorreu com ele: apenas abri meus olhos e veio sua vida inteira. Falamos do mundo e da vida, que não é o mesmo; falamos da beleza que esperamos e dos monstros que nos aguardam; falamos até tocar o borde do inconfessável. Talvez a isto se pode chamar de conversar" (SKLIAR, 2014, p. 13). E assim foi a conversa gerada no intercâmbio de cartas entre Tiago e Danise. Narrativas epistolares que abriram espaços para a reflexão da nossa travessia, entre dois investigadores narrativos, professores, amigos, brasileiros, nordestinos e arianos inquietos, em busca de terras alheias para se encontrar com outros e consigo mesmo, para entender seus próprios mundos e para dar conta das suas experiências.

A beleza das nossas travessias e os monstros que cruzam os nossos caminhos pode ser encontrada nas nossas cartas-textos-conversas. Meditamos sobre o atravessar, detalhando o movimento de nos (des)locar de um lado a outro, nesta constante viagem do ir e vir. Ao narrar, descobrimos que escrever cartas é um lindo exercício de reflexão que nos permite falar "dentro de um mar de palavras incertas, sem outro rumo que a estranha imensidade da deriva" (SKLIAR, 2014, p. 13).

As palavras incertas e a imensidade da deriva levam a perceber o encanto da narrativa e a importância da conversa como uma possível metodologia no campo da investigação narrativa. É aí, nessa imensidade da deriva que ocorre o encontro do *tu* e do *eu*. É aí onde emergem os ruídos, a incomodidade e o assombro que podem causar as terras alheias na travessia. E é aí, justo aí, onde brota o intercâmbio. Aí, justo aí, onde polinizam-se as ideias, os encontros, os pensares.... Aí, justo aí, onde o pensamento se faz indisciplinado e movimento! E, de novo, intercâmbio – de vozes, experiências, trajetórias, biografias, narrativas, vidas...

Sim! O intercâmbio, como um tipo de ex-posição, um modo de se colocar em relação com o outro que potencializa o encontro-mestre<sup>3</sup>; o encontrar-se nas diferenças, o diferir na conversa e o desdobrar-se em constelação, mostrando nossas fragilidades e vivenciando nossas incertezas como possibilidades de desmarcação. Con-versamos escrevendo e nos inscrevendo através de cartas, de palavras, de letras; encontramos e intercambiamos vozes, estranhemos, certezas, territórios e habitamos a experiência do ir para além de nós mesmos.

Danise mostra que, ao ler Tiago, houve necessidade de lhe escrever uma carta-resposta. Nesse intercâmbio epistolar, o movimento de ir e vir de narrativas nos possibilitou refletir mais detalhadamente nossas travessias. As cartas-textos-conversas escritas abrem espaços para pensar a investigação narrativa, a posição do investigador, a hermenêutica, a alteridade, a estrangeiridade e a conversa como metodologia de investigação, de diferentes modos e em diferentes linguagens.

Tiago traz em sua carta uma reflexão profunda sobre a importância do contar e de aprender com os nossos relatos e com os relatos alheios. Para ele, narrar histórias é pluralizar o mundo, é convidar a perceber a força, a resistência e a potência das narrativas invisíveis, silenciadas e minúsculas. Narrar nos permite questionar o óbvio, indagar o familiar, observar-nos desde outro lugar, repensar, refletir e nos (trans) formar. Além disso, ele discute as

---

<sup>3</sup> Agradeço à querida María Yanet Sosa, de Medellín, que me apresentou a ideia de “encuentro-maestro”, a partir de sua relação e atuação na Pedagogia da Mãe Terra, na Universidade de Antioquia, na Colômbia.

investigações-vidas/investigações-travessias, essas onde habitam as constelações e as multidões. Sua carta traz autores como Krenak (2019) e seu pensamento de que estamos feitos das histórias – das que conhecemos e das que não conhecemos, das que experienciamos e das que não foram vividas.

Tiago clama por uma investigação sensível, feita por uma escuta atenta e repleta de cuidado. Sua carta também evoca autores como Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), que nos convidam a pensar na conversa como facilitadora da nossa entrada em outros mundos. A narrativa epistolar de Tiago busca novas formas de comunicação e outras linguagens capazes de dar conta do experienciado, além de trazer uma crítica ao eurocentrismo. Ele nos leva a perguntar se é possível categorizar, analisar e reconfigurar a história alheia. O autor convida a uma investigação-encontro, uma investigação que não esteja baseada em conceito, e sim, em ideias.

Danise recebe a carta de Ribeiro e reflete sobre a responsabilidade e a inquietação que é receber uma carta. As palavras de Tiago ressoam nela, produzem ruídos e tiram a mesma do seu lugar de comodidade. Ela reflete sobre o que é a leitura de narrativas alheias e o efeito que elas podem causar no receptor. Percebe o valor de uma carta e como ela pode gerar uma cadeia de escrita. Para escrever uma carta-resposta, a autora necessita mexer nas experiências de vida que leva na sua bagagem e afirmar seu corpo-voz. A pausa para a escrita gera reflexão e conscientização de suas experiências. O fato de pensar, escrever, apagar, voltar a ler a carta do seu amigo e reescrever sua carta-resposta, num constante ir e vir de histórias, gerou uma maior conscientização da sua travessia.

A carta de Danise, de forma literal e metafórica, traz a figura do ser estrangeiro como um ser forasteiro que trata de entender as terras alheias a partir de sua imigração e adaptação a um mundo desconhecido. Para a autora, o intercâmbio entre os distintos mundos acontece através de uma escuta atenta, da hospitalidade, da humildade e do respeito ao mundo do outro. A autora menciona a Freire (1980) para conceitualizar a ideia de conscientização e, a partir dela, a anunciação e a denúncia.

Fazemos parte do grupo *Travesías del Sur*, juntamente com os nossos orientandos e diversos investigadores narrativos da América Latina.

Com o objetivo de gerar relatos, a partir de uma reflexão sobre as nossas investigações e as nossas próprias práticas, a escrita epistolar foi incorporada aos encontros, favorecendo uma maior concientização de nossas experiências e do ato de narrar e nos possibilitando viver processos formativos-investigativos. Ao estar mais atentos ao que nos acontece e ao que acontece com o outro, houve uma maior predisposição para a escrita de tantos projetos de teses doutorais mais sensíveis.

Convidamos você, leitor, a nos encontrar e a se encontrar nas nossas cartas-textos-conversas. À deriva e conversando, caminharemos mais. Talvez menos seguros de onde vamos chegar, mas, sem dúvida alguma, caminharemos acompanhados, aproveitando da travessia, do (des)locamento, do movimento e da possibilidade de nos formar e nos (trans)formar no meio do caminho.

### **La extraña inmensidad de la deriva – Ribeiro & Grangeiro**

Carta para *companheiros* de Travesías del Sur

Saudações, querida Danise! Saudações, queridos companheiros de Travesías!

Escrever é um gesto de rebelião contra toda forma de silenciamento. Escrever espicha um pouco nosso corpo e permite, talvez, tocar a pele do outro com nossas vozes: voz não é corpo? E, por isso, escrevo. Porque gostaria de convidá-les a sentir comigo um pouco das ressonâncias que me têm provocado nossos encontros. Pois bem. Vamos?

Escrevo esta carta me sentindo uma multidão. E é assim porque acredito que pesquisar e pensar são aventuras vividas comunitariamente. Diferente da imagem de quem pesquisa isola em sua torre de marfim, me interessam investigações e ciências vivas, com cheiro de gentes e textura de mundos. Modos e maneiras de pensar-viver a pesquisa e a ciência que nos aproximam, sobretudo no contexto do Programa específico de *Investigación Narrativa y (Auto) biográfica* do Doutorado em Educação da Universidade Nacional de Rosário, na Argentina, do qual fazemos parte alguns de nós do grupo *Travesías del Sur* – como Danise, amiga querida, e eu, como professores-tutores.

Através do Programa de Doutorado, coordenado por Daniel Suárez e Luis Porta, chegamos até aqui, por meio do convite animado de Aline Dorneles, cujo desejo de pensar e viver processos formativos-investigativos em redes nos animou! O doutorado em questão congrega estudantes e pesquisadores de Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador e Uruguai. Em comum, o desejo de pensar e narrar nossas vidas e os processos formativos e educativos vividos, nos mais diferentes contextos possíveis. O *Travesías del Sur* reúne pessoas ligadas ao Programa e ainda outras, que atravessaram nossas vidas e nelas continuam. Nosso desejo? Pensar-narrar a vida e nossas experiências.

E por que pensar e narrar a vida e os processos vividos? Do que se trata essa proposta de doutorado e a aposta – que nos anima! – na narrativa como fenômeno investigado e metodologia de pesquisa? O que significa, do ponto de vista ético, estético e político, a assunção de que nos contextos locais se produzem saberes e experiências que têm a ensinar a outres?

Pois bem. Confessamos que este mundo nos dói, sabem? Sentimos arder em nossos corpos dores de outres... O idoso silenciado e negado em sua sabedoria e memória, a professora culpabilizada pelas mazelas de um sistema educativo que também a avilta, a criança violada, a mulher vitimada pela violência do machismo, a pessoa negra oprimida por sua existência, a pessoa ferida por sua forma de ser e/ou amar, o surde com sua língua negada... Tantas dores também constituem quem somos, sabem? Somos constituídos de tantas experiências e emoções... E narrar nossas histórias é como pluralizar um pouquinho o mundo aqui e acolá, convidar outres a perceberem o quanto de beleza, força, resistência e potência não contadas são escamoteadas pelas grandes narrativas generalizantes e invisibilizadoras que tanto conhecemos, além de convidar a perceberem quanto de nossos saberes são tecidos também por ignorâncias...

Por isso a aposta na narrativa: porque o mundo não merece seguir sendo simplificado em sua riqueza ecológica de experiências, histórias, contexto, saberes etc. Que triste mania a nossa de querer tornar o familiar em óbvio! Então me pergunto: o que a obviedade com que vestimos nossas miradas nos impede de ver? E com ver quero dizer: prestar atenção, perceber, dar-mo-nos conta, escutar sensivelmente, mirar generosamente. Assim, ver

está para além do sentido recortado pela ciência positivista moderna; antes, tem a ver com capturar-indagar sentidos, sensações, texturas, imagens, ideias, conceitos e narrativas com corpos e sentidos inteiros. Vemos-escutamos-sentimos com o corpo: voz é corpo, escuta é corpo, sentido é corpo. Corpo é nossa existência que pulsa nas entranhas do mundo e nasce do seu ventre. Será?

No ventre do mundo, a brutalidade que nos machuca e também a vibração afirmativa de corpos e existências que polinizam vidas livres e afirmativas. É sobre isso, sobre essas vidas grávidas de boniteza e liberdade, sobre a vibração afirmativa dos corpos que me sinto convidado a pesquisar, narrar e seguir pensando.... Para pluralizar o mundo e tornar minhas miradas um pouco menos preconceituosas e abissais.

Então, de que modos habitar nossas pesquisas e ações investigativas, nossos textos de investigação? É possível uma pesquisa-vida, uma pesquisa viva? E vida é pulsação, tremor, fluxo, invenção, artistagem. Viver é quase um fazer artístico sobre si mesmo, e a formação é uma travessia singular habitada por muitos outros, por constelações – de pessoas, textos, lugares, experiências.

Ailton Krenak (2019), pensador e ativista indígena brasileiro, nos ensina que somos constelações, parte e todo de um corpo-constelação que é este mundão para além de nossos limites conhecidos: somos os rios que correm, as estrelas que brilham, as nuvens que caem pesadas em forma de chuva, os peixes do mar, os outros, os filmes que assistimos, a poesia que lemos, as músicas que escutamos... Estamos feitos das histórias que conhecemos e das que não conhecemos, das imagens e lugares que vimos e aqueles que nunca iremos ver... As ausências e os desconhecidos também nos formam! Das cartas lidas e daquelas não recebidas!

Talvez pesquisar narrativamente seja um exercício de diminuir um pouco nossas cegueiras e ignorâncias, de gerar intimidade. O desconhecido nos parece estranho, mas a intimidade é uma potência que transforma nossos modos de olhar e ver, de perceber para além das zonas limítrofes de nossas compreensões e leituras de mundo. O que pode a intimidade como experiência do devir?

A complexidade própria da vida-formação e seus processos, como a investigação, pode ser sumariada em explicações, categorizações, análises e revelações sem vitalidade? Pressinto que não. E a mim me parece que já explicamos, categorizamos, analisamos e aprofundamos demais as experiências de outros, os mundos alheios, muitos dos quais sequer vivenciamos. Já fomos investigadores demais! Acredito, como aprendi com Francisco Ramallo, que nossos tempos nos pedem para sermos investigação: corpo aberto, olhar sensível, escuta apurada, cuidado permanente e invenção, sempre. Inventar a nós mesmos nas relações investigativas.

Parece-me que se trata de narrar ressonâncias, escutar, observar, sentir/viver com o outro sobre seus mundos, suas corporalidades, suas verdades e experiências, como convidam a pensar Davi Kopenawa y Bruce Albert (2015), com sua fala sobre como impomos, desde nossa experiência ocidental, maneiras e modos de existência como modelos de civilização e de conhecimento. Também não o fazemos na pesquisa? Conversar, me parece, pode ser uma forma de inventar outros modos possíveis de sentir, pensar, viver, habitar e praticar a pesquisa.... Não a conversa como instrumento de coleta de dados, mas a conversa como relação, como movimento de pesquisa. Não temos muito bem o controle do que sairá, mas o campo ensina, as narrativas dos outros nos tocam o corpo, abrem horizontes de visibilidade e compreensão.

Mas um cuidado é preciso: o eurocentrismo está em nós. Somos seu fruto. Nossas formas de investigar e mesmo nossas ideias de rigor também estão recheadas de eurocentrismo e seus sistemas de opressão – o racismo, o machismo, o ouvintismo, o capacitismo, a lgbtqifobia... Outras epistemologias, outras formas de linguagem, de saber e criar conhecimentos são invalidadas, desde as oralituras ancestrais às perspectivas horizontais com base na circulação da palavra e às linguagens pictóricas, por demasiado “subjetividade e implicação” – como vociferam os juizados cientificistas. Desejam uma ciência morta, realizada por corpos sem vida, produto de um mundo desvitalizado.

Talvez a narrativa seja todo o contrário disso, né? Narrativa é vida! E como contá-las sem diminuir sua força discursiva, interlocutiva, imaginativa e formativa? E como analisar, categorizar, esmiuçar, reconfigurar a fala

alheia, na qual pulsa sua experiência? Por quê? Para quê? Estamos atentos apenas ao que diz a narrativa? E as ressonâncias, sentidos e inquietações que provoca? Ir ao campo, enquanto investigação narrativa, não é o adentrar num espaço estranho, inabitado. Pelo contrário, é tecer uma comunidade de afeto, atenção e escuta; gerar intimidade, criar proximidade: escutar, prestar atenção para aprender um pouquinho do contexto, do lugar desde onde o outro fala e sente/pensa.

Dessa forma, um texto de pesquisa narrativa não é apenas um texto! É uma narração vital! Sem escrúpulos ou a menor cerimônia, trata-se de uma narrativa que rasga os horizontes limitantes da escrita acadêmica; golpeia os cânones, não como forma de desobediência ou transgressão, mas, antes, como possibilidade de afirmação de uma existência potente no mundo, em primeira pessoa!

É possível que estejamos a falar de uma pesquisa-presença, uma pesquisa-atenção, uma pesquisa-corpo tecida no minúsculo, na relação, com *gestos mínimos* (SKLIAR, 2014). Enfim, uma pesquisa narrativa é muitas coisas, querides amigos, mas, sobretudo, é minúscula (GUEDES; RIBEIRO, 2019): uma experiência de soltar a voz incontida; voz que dilacera o silêncio e faz do falar um instrumento de libertação, de conhecimento, de resistência, de afirmação, de recuperação de nossos corpos e vitalidades (HOOKS, 2019)!

Em tempos de chumbo, golpes de Estado e ataques racistas, machistas, transfóbicos e tantos outros que prefiro não seguir nomeando, precisamos ser resistência em forma de presença, escuta e afeto. Investigar como escutar, conversar, observar atentamente, abrir-se ao incomum... ser voz ou compor com vozes a pluralizar mundos. Narradores de outros mundos, outras vidas, outras histórias. A modo de Ailton Krenak, gosto de pensar que há mil e muitas maneiras de adiar o fim do mundo (2019). Quiçá investigar narrativamente seja uma delas... Trazer para nossos textos histórias de beleza, de invenção, de resistência a partir de dentro da escola, sem deixar de denunciar os “apesares políticos e econômicos” que obliteram a beleza dela!

Haveria tanto para conversar... mas vou encerrando esta carta, ávido pela resposta de Danise! Quero lhes agradecer pelo convite. Muito obrigado pela oportunidade de escrever estas breves linhas! Vejo a pesquisa narrativa como uma prática, uma relação, uma experiência que desautoriza,

galhofa, burla as regras limitantes.... Um cuidado permanente e necessário para espichar e transbordar sentidos.... Nesse ponto, me questiono se os conceitos são dispositivos a esse serviço. Me parece que eles, os conceitos, encerram o mundo em categorias, enquanto as ideias abrem em possibilidades interpretativas. Estaria a pesquisa narrativa mais no campo das ideias do que dos conceitos? Valeira seguir pensando sobre isso?

E por que falo de conceitos na despedida? Porque, para mim, as palavras também revelam o quanto dos paradigmas hegemônicos estão em nós, como pensamento, como crença. “Diversidade” é uma dessas palavras? Quem são os diversos? Quem cabe na diversidade? E quem está fora desse conceito? Por quê? Desde que corpos, experiências e narrativas a diversidade é conformada? Seria o caso de mudar a palavra ou engravidar seus significados com sentidos que nos incluem nessa ideia?

Falando sobre isso, gostaria de destacar um último ponto, para mim, pulsante nas pesquisas narrativas: o que pode haver de mais bonito numa pesquisa é a nossa própria voz, no encontro com outras vozes. Vozes que pulsam e se esparramam através das páginas, do texto, das palavras e silêncios. Por que não fazer de nossas pesquisas uma ciranda de vozes?

A pesquisa bem pode ser um grito contra toda forma de violência. Afirmar a potência da escola é uma forma de resistência... A pesquisa bem pode ser um grito de liberdade! Quem poderá segurar nossas vozes?

Com carinho narrativo, Tiago Ribeiro,  
Rio de Janeiro, 10 de outubro de 2020.

Meu querido amigo Tiago,

Há tempos não recebia uma carta!

Sou grata por tuas palavras. Você me levou a sentir o que o teu mundo diz, sussurra, grita. Senti tua música; ora suave e tranquila, ora estridente, vibrante e penetrante.

Uma carta é um convite para pensar com o outro, para adentrar seu mundo, seu interior, suas ideias, seu corpo. Tua carta me convida à tua intimidade, à tua nudez. Uma carta é um documento, um registro; as palavras vivas ficam impressas em um papel e é aí, onde eu encontro a sua beleza. Uma

carta é tão viva, que ao ser lida tempos mais tarde, nos oferece novamente um banquete de sentimentos, capaz de reproduzir, resgatar e ressuscitar tanta coisa que permanece em nós. Voltam-se os cheiros, os gostos, os olhares, a música e os gritos e eles são capazes de se mesclar com as travessias do momento em que é feita a leitura da carta, nos levando a navegar novamente travessias antigas. E esse encontro de mares e de águas nos conta tanto e nos convida a escrever novas cartas. É nesse encontro que percebemos o quanto já caminhamos, é nele que compreendemos que o ato de olhar para trás – nos identificando como seres caminhantes –, nos ensina a sentir de onde vimos, onde estamos e para onde desejamos ir, nos mostrando o quanto devemos sentir e refletir melhor as nossas travessias.

Participar do Programa de Doutorado em Educação como professores e tutores do Programa Específico de Formação em Pesquisa Narrativa e (Auto) biográfica da Universidade Nacional de Rosário e participar do grupo *Travesía del Sur* de Investigadores Narrativos Latinoamericanos nos possibilita repensar a investigação narrativa e ressignificar a nossa posição de investigador.

Nos últimos anos, temos feito várias perguntas. Que será que há na travessia para ser contado? – nos perguntam os doutorandos. Por que e para que registramos narrativas (auto) biográficas? Que há para refletir? Que há na travessia que ainda não foi contado? Por que não se conta? O silêncio conta? Quem são os que se calam? Quem são os que fazem calar? Como se conta o silêncio? E como se conta o narrado? Que tipo de linguagem uso para me permitir escutar e ser escutado? Quem são os que leem o narrado? Para onde nos levam essas narrativas?

A conscientiz-ação dessa travessia é um dos requisitos fundamentais para encontrar a sabedoria, de acordo com os seres que envelhecem (GRANGEIRO, 2014). Refletir durante o atravessar nos convida a experienciar o nosso mundo – o teu, o meu e o nosso. E dentro dos conceitos e ideias da palavra “experienciar” cabe tanto, não é meu amigo? Cabe tanto que a vivência não é capaz de abarcar. Nela eu encontro o olhar profundo, a escuta atenta e interessada, a percepção, a reflexão, o assombro, o sentido, a estética, a ética, a política, a sinestesia, a vida, as ideias, as vozes, a pluralidade, as constelações – que tanto dizem de ti, os detalhes mínimos, o cuidado, as

travessias, os registros que vamos deixando no meio do caminho e as narrativas – nesse bonito ato de se contar e de contar o outro.

Tua carta é um registro que levarei na minha mala. Gosto tanto dessa metáfora das malas. A vida como travessia e a mala como um lugar de armazenamento do que vou colecionando no meu caminhar. Tua carta é um espaço de conversação. Tua narrativa me faz repensar sobre como meu papel de investigadora na América Latina busca minha própria voz e me estimula a te doar minhas ideias e meus pensamentos. Abre espaço para a conscientização e para o remexer na minha mala. Tua carta faz o encontro da tua voz com a minha. Me fascina o encontro das narrativas. Me seduzem os ruídos que elas fazem ao me encontrar. É o encontro que me convida a levar meu mundo a adentrar o teu; é ele que mantém ativa a cadeia de escrita; é ele que abre espaço para uma carta-resposta.

Penso na narrativa como epifanias de experiências. Penso muito neste tempo pandêmico e sobre a travessia. Chego à conclusão que o tempo *Chronos* muitas vezes maltrata. Tenho refletido sobre o que deixamos nesta/para esta vida. Ando escutando os idosos que tanto sofrem com o medo da contaminação. Temem também o tempo, o isolamento e a solidão. Ao escutá-los, vejo a importância e a potência das narrativas e a conscientização que brota ao narrar. De que serviria a vida se não para contemplá-la em sua plenitude? Se não para refletioná-la e sentir a travessia? Seria a narrativa uma forma de contemplação da vida em sua plenitude? Que deixamos se não nossas narrativas?

Para mim, a narrativa escrita é um documento que registra o exercício de conscientização das minhas vivências. Colocar as palavras em um papel é um ato de responsabilidade. Necessita consciência. Necessita coragem! É um registro. É um documento. Geralmente ao escrever, apagamos e escrevemos, voltamos a apagar, e reescrevemos e voltamos a reescrever, e voltamos a apagar, em um movimento constante de reflexão. E são tantas as versões de mim que aparecem no ato de escrever em primeira pessoa, que vou me permitindo conhecer de forma mais profunda. Escrever é um ato íntimo. Ao escrever esta carta, me permito escutar meu silêncio interior mesclado com os cantos dos pássaros desta manhã primaveral de Buenos Aires.

Imagino você, me escrevendo a tua carta, pensando como contar teu mundo e como ele chegará ao meu. Encontro! Tua narrativa escrita em primeira pessoa encontra a minha. Encontro! Os teus detalhes contarão tanto de ti. E são nas palavras mais minúsculas que minha leitura se freia. Eu paro. Te leio de novo. Te sinto. Me sinto. Paro. Volto a ler. Penso. Observo. Tuas palavras me jogam para longe da passividade. A tua intimidade e os teus detalhes assombram meus olhos. E é essa ou aquela palavrinha, que me tira do meu lugar cômodo, é a tua voz registrada no papel que me possibilita te repensar, me repensar; te reler, me reler. Tua voz e teu corpo que chegam ao meu. Eu te escuto atentamente, como se você tivesse sussurrando os teus gritos nos meus ouvidos. E você me chama atenção de algo que nunca tinha sido pensado por mim. E a tua mala começa a fazer sentido na minha. E a tua história me mostra quantas histórias eu carrego dentro de mim. E nesse ir e vir de Tiagos e de Danises, percebo que somos plurais e observo que a minha mala é formada de tantas narrativas que me cruzam ou cruzaram o meu caminho. E que ao ser constelação, como você gosta de dizer, não sou inteira. Sou fragmentos de estrelas, sou grupo, sou vozes, sou ideias, sou travessias. E quando me sinto constelação, já não sou apenas eu.

Me lembrei de Ferrarrotti (2010), quando diz que nossas narrativas são representações de outros e que uma só biografia pode nos revelar muito da sociedade que pertencemos. Me lembrei do giro hermenêutico, que me possibilita interpretar as narrativas que me chegam e que no movimento de ir e vir de narrativas, nessa constelação constante que é a vida, ou seja, são as minhas interpretações do mundo que vou colocando na minha mala. E mala não aberta e não mexida, apenas guardada no cantinho de qualquer lugar, não gera encontros, não gera novas narrativas, não proporciona a epifania das experiências.

Quando você fala de dores, meu amigo, carrego em mim também as dores dos mais idosos que muitas vezes não encontram o que fazer com suas malas pesadas. Penso em nós, como sociedade, que tantas vezes desperdiçamos a possibilidade de observar as riquezas que vamos colecionando no meio do caminho. O que fazemos com as nossas malas? Você, na tua carta, me conta a potência do narrar, do se doar ao outro, do se mesclar com outros. Eu, pesquisadora dos que estão no “final” (ou no começo – quem

sabe onde começa ou onde termina essa aventura?), desta nossa travessia, deste plano terrestre em que estamos, os vejo silenciados, sem encontrar ouvidos atentos, sem encontrar espaços que possibilitem a abertura das suas malas. E quando eles, de maneira atrevida, decidem narrar suas histórias, encontram interlocutores que dizem “são histórias passadas, já velhas, hoje já não fazem sentido” ou então enfrentam bloqueios, através de frases assim: “sabe quantas vezes você já me contou isso? ”. E sabe por que, meu amigo, essas histórias não nos fazem mais sentido? Porque perdemos a oportunidade de mesclá-las com as nossas.

É, meu Tiago, me pergunto se damos vozes ao que somente nos interessa. Numa sociedade de cancelamentos por não suportar mesclas de mundos, o egocentrismo, como ausência de alteridade, não gera constelações, não gera encontros, destrói a existência dos detalhes e não produz outras narrativas. Pergunto quem são os que narram e quem são os silenciados. Sinto que os diálogos desaparecem. Governos autoritários e negacionistas estimulam a criação da reprodução de monólogos hegemônicos. Não há estética. Não há corrente de escritura. Não há intimidade. Não há intercâmbio. Não há encontro. Não há conversa. Não há ruídos. E geralmente, nem o reprodutor de monólogos deseja guardar em suas malas o que ele narra. Como pesquisadora de idosos, há muita dor e tristeza quando eles chegam ao final da travessia percebendo que pouco ele deixa e pouco ele leva. O vazio das malas nessa idade é algo irreparável.

Nós, como pesquisadores narrativos, buscamos abrir espaços para os relatos. Acreditamos que as narrativas são vivas. Têm vida por si sós. Caminham sozinhas. Caminham não, voam! Pousam e voam! Em um constante movimento de trans-form-ação. Se transformam sempre que encontram o outro. Ela chega em mim, sai de mim e ao ser mesclada, ela já toma novas formas, num lindo movimento hermenêutico, num jogo de telefones sem fios. Às vezes, nos chegam de forma tímida e ganham potência em mim. Às vezes, ao contrário. Mas sem dúvida, ela é viva porque se infiltra no ser humano. Se permito que o meu corpo seja receptor das narrativas de outros, sou um corpo-mala, sou voz polifônica, sou ser-ambulante, sou eu-outro, sou eu-encontro, sou eu-convite. Sou eu-travessia!

Penso, meu amigo, o fato de ser estrangeira tem me ajudado a compreender no sentido metafórico e literal o que é adentrar outros mundos, o que é habitar territórios estranhos, o que é ter que aprender outro idioma para poder entender o outro, o que é modificar meus códigos linguísticos para ser compreendida, o que é colocar o meu corpo para ocupar novos espaços. O estranhar tem me ajudado a interpretar novos mundos e a refletir o meu. Hoje posso dizer que sou ser-forasteira, ser exótica, ser-alienígena. Saí vagando e buscando novos mundos.

Escuto novas vozes, novos seres, novos espaços, novos códigos linguísticos. Penso em outro idioma. Penso na língua de outros povos. Penso desde um lugar incômodo. Foi uma decisão própria de passear pela incomodidade. Preciso estar sempre buscando vocabulário para dizer o que quero dizer. E nesse buscar encontro muitas coisas! Me espanto com a beleza dos novos códigos linguísticos que se apresentam diante de mim todos os dias. Sair do lugar que sempre ocupamos é uma forma de resiliência, de resistência, de busca pela beleza do outro, de busca pela nossa própria beleza.

Tenho aprendido que o ser estrangeiro geralmente carrega em si uma escuta atenta, o olhar aguçado, buscando interpretar esse novo mundo. Num movimento agridoce – um sabor prazeroso, doce e sofrido ao mesmo tempo – sinto que, assim como um pesquisador narrativo, o ser estrangeiro que em mim habita tem me ensinado que a cautela e o respeito são fundamentais quando adentramos a vida do sujeito colaborador das nossas investigações. Vamos devagar, observando e nos deixando ser observados. As narrativas vão sendo mescladas lentamente, concomitantemente com a abertura das malas. Tudo no seu tempo. Observar o tempo do outro é extremamente necessário, é também respeito. Sem pressa, a passos lentos, a intimidade vai sendo construída. Nos encontros entre seres humanos, os gestos e os códigos linguísticos vão ajudando a descodificar a língua do outro.

Minha experiência como investigadora narrativa estrangeira me permite atravessar novos mundos. Sinto o outro, esse outro que é diferente de mim até na forma de caminhar. Ao ser alienígena, tudo é novo. A constante comparação de mundos, num movimento estúpido de saber se o meu mundo é melhor ou pior que o do outro, vai levando a perceber que a diferença e a semelhança entre os povos são os mais lindos sabores do encontro. E se tenho

que escolher entre a diferença e a semelhança fico com a diferença. Ela ensina mais, me mostra mais, me tira do lugar de comodidade e remove as minhas malas.

Problema, amigo meu, é que a diferença entre mundos nos leva a saber que não somos únicos, que não somos completos e que existem tantos outros. Por isso, você tanto enfatiza a importância da conversa, como espaço de trocas. A conversa é risco. A conversa nos leva para lugares que nunca imaginamos chegar, já dizia Carlos Skliar (2018). A conversa traz o prazer de “estar indo” provocando pensamentos e não conclusões (ALVES, 2011). Talvez por isso, a preferência de alguns pelas malas ocas por monólogos, já que habitam lugares mais seguros. O saber o que se vai dizer nos faz caminhar por um terreno plano, seguro e fixo. A conversa, não! Ela ocupa outros territórios. Nela, estamos sempre em risco, à deriva.

Ah, e esse risco é a surpresa do encontro! É ela que chama atenção aos olhos dos investigadores narrativos. É ela que causa a trans-form-ação. É ela que nos leva a refletir. É ela que termina com as comparações. Meu mundo é apenas um mundo dentro de constelações. Sem a conversa, somente o meu mundo existe.

Eu, como um ser-estranho, aposto na beleza de carregar também meus próprios sons. Eles me mostram de onde vim. Eles contam a minha história. Eles são convites. Eles seduzem. Eles me apresentam ao outro, abrindo de forma involuntária e repentina a minha mala. Eles mostram as minhas origens: mulher latino-americana, brasileira, nordestina e cearense. E isso já conta tanto!

E eu te encontrei aqui, Tiago, em Buenos Aires, fazendo a mesma coisa que eu vim fazer: ouvir outras vozes, outros sons, outros mundos. Você veio ser um ser-estranho. Um brasileiro nordestino com um chiado carioca gostoso e incorporado, falando um castelhano bonito. Decidimos ser pluralidade de vozes. O ato de falar o idioma alheio permite que teu corpo ocupe outro lugar. A língua, a boca, os olhos, as mãos bailam de forma distinta. Buscar entender o que é ocupar o corpo do outro é ato de humildade e sabedoria. É travessia. É sair de mim para chegar ao outro. É (des) locamento. É movimento. É risco.

Ninguém poderá prender nossas vozes, meu amigo! Vozes são vibrações das cordas vocais, vem de dentro, vem do corpo, como você mesmo diz. Aprendi, como fonoaudióloga, que a matéria prima da voz é o ar que inspiramos e expiramos, é o ar que ao passar pelas cordas vocais vibram e produzem o som. O movimento sincrônico e suave do inspirar e expirar é responsável pela voz que produzimos. A voz interior também vem de dentro, de experiências incorporadas, de memórias armazenadas. Narrar de forma oral ou escrita nasce de dentro, nasce do corpo, vibra as cordas vocais e vibra também o hipocampo. Não há como prender nossas vozes, Tiago.

Penso que esses tempos difíceis, de governos autoritários podem fechar os espaços para que a voz circule, para que a dor se cale, para que a luta pelos nossos direitos se detenha, para que as nossas diferenças sejam motivos de separação. No entanto, o corpo fala e, quando ele fala, nos permite produzir vozes, sejam internamente ou externamente. Nós, como investigadores narrativos, temos como tarefa buscar espaços para que a voz circule, para que as narrativas promovam outras narrativas, para que as vozes sejam escutadas, para que o intercâmbio possa proporcionar encontros, para que o movimento sincrônico e suave do inspirar e expirar possa acontecer. Lutemos para que os nossos corpos possam falar livremente, para que as narrativas ganhem asas e possam transitar; lutemos para que os registros das narrativas possam continuar iluminando o narrador e o leitor; lutemos para que a narrativa seja epifania de travessias.

É verdade, meu amigo, “escrever é um ato de rebelião contra toda forma de silenciamento”. A investigação narrativa busca reconstruir a memória e registrá-la, para ser degustada hoje e amanhã; nos ajudando a sair deste tempo linear, desta temporalidade; nos estimulando a tirar fotografias e a elaborar as imagens da performance dos nossos *eus*. Esse tipo de pesquisa nos permite que o *eus* encontre os *tus* e saiam por aí produzindo novos *nós*. As rupturas do silêncio e do tempo possibilitam que nos olhemos nos espelhos da vida e nos reconheçamos como estrangeiros de si, numa eterna (des) construção, num movimento constante de aprender a desaprender e de desaprender a aprender.

Creio que o silêncio se rompe com a conscientização das nossas malas e das nossas vozes. A conscientização libera, já dizia Freire (1980).

“Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, devido ao compromisso de transformação que assumimos” (p. 28). O ato de escrever, narrar e investigar proporcionam maior conscientização sobre as travessias, devido a uma maior reflexão e ação sobre o vivido. A investigação narrativa busca romper o silenciamento dos povos e se alimenta de novas histórias do *eu*.

Percebo, meu Tiago, que as nossas cartas são também formas de romper nossos silêncios, expressamos hoje nossos *eus* e registramos aqui as fotografias do que temos aprendido até agora neste atravessar. Neste baile bonito de palavras, de vozes, de narrativas e de códigos linguísticos, eu te descubro e me descubro. No processo de conscientização rompemos a cegueira, destruimos o óbvio, anunciamos, denunciemos, nos apropriamos da realidade para poder transformá-la e para poder existir e resistir.

Agradeço tua carta que trouxe o cheiro da liberdade do confinamento neste tempo pandêmico.

Minha carta seguramente chegará no Rio de Janeiro, levando um pouco de quem sou e um pouco do que sua narrativa me fez ser.

Que sejamos sempre, meu Tiago, esse ir e vir de histórias, esses borrifos de várias vidas, esses salpicos de palavras! Respingar um pouco do que sou em ti já me faz mais viva que antes.

Até a saudade diminui quando sinto que em mim você vive e que eu vivo em você. Sinto, assim, que a distância é pura ilusão.

Saudações narrativas,

Amo tu, Danise Grangeiro.

Buenos Aires, 15 de outubro de 2020.

### **Conclusão: final sem fim**

Uma conversa não tem fim. Espicha-se como raízes que, mesmo após a queimada da relva ou da savana, fazem brotar vida fértil e vívida no encontro com as gotas de chuva. Encontro entre dois corpos, entre duas existências que, vezes e vezes, se tocam. Conversar é tocar o corpo do outro. Danise toca de forma gentil, suave e provocativa com suas palavras. Sua carta é pura conversação, convite ao experimentar e polinizar vozes. Sentir e deixar

ressoar aqueles salpicos de palavras que também são corpo, narrativa encarnada, testemunho íntimo.

Uma conversa também é a impossibilidade de qualquer síntese. Não está aí para comprovar nem fixar nada. É puro fluxo, vadiagem, travessia, viagem, movimento. Conversa-se não para chegar a algum lugar, mas para evitar que nos mantenhamos inertes num mesmo ponto. Conversar como cartografar vidas, biografias e existências. Conversar como gestar mundos possíveis nos solos inférteis de nossas certezas.

Desse modo, através de conversas-cartas, buscamos, Danise e Tiago, compartilhar um pouco dos corpos caleidoscópicos que habitamos, das comuns-unidades nas quais estamos constelados e que nos polinizam o pensamento (GODOY; RIBEIRO, 2021), a existência, nossa presença no mundo e, portanto, nossas vozes. Conversar como um modo de se colocar à escuta, atenta e sensível, àquilo que pode soar estranho, radical, estrangeiro, alienígena, assumindo, como disse Danise, que mesmo os silêncios expressam.

Escutamos os silêncios? Escutamos com nossos corpos inteiros? Escutar é ato político, ético e estético. Em tempos de tanto juízo de valor e de cancelamento, como dissera Danise, a escuta pulsa como o reconhecimento de que o mundo é muito mais plural do que nossa miopia social, cultural e epistemológica permite enxergar. Por isso, acreditamos e defendemos a importância da pesquisa narrativa, de nos encontrarmos e estranharmos nas narrativas uns dos outros, de espicharmos nossos mundos de sentidos e pôr em questão os sistemas de opressão que constituem nossa linguagem, nossa cultura, a nós mesmos.

A completude nunca alcançamos nem alcançaremos, porque nenhum de nós começa: continuamos; nossa vida é continuidade de histórias, sonhos, utopias e lutas. Por isso narrar, por isso, como diz Bell Hooks (2019), erguer a voz. Erguer a voz como não abrir mão de que nossas vidas e trajetórias sejam afirmadas como aquilo que são: travessias singulares, marcadas por nossas ancestralidades, nossas raízes e os encontros vividos.

Somos seres em construção e desconstrução. Viver é uma criação artística em que a mais bela obra é cada biografia singular, porque justamente a obra possível, a história que pudemos compor, escrever, reescrever e

partilhar. E investigar narrativamente talvez não seja outra coisa que traçar, que percorrer, que desenhar uma cartografia narrativa desses processos.

Para nós, Tiago e Danise, a conversa como metodologia de pesquisa (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018) não tem a ver com o desejo de descobrir mundos novos ou dar a voz a quem quer que seja. Antes, tem a ver com escutar as vozes aí onde elas (con) formam mundos e pulsam singularidades afirmativas; tem a ver com diminuir um pouco nossa impossibilidade de ver, de deslocar nossas ignorâncias, como escreveu Tiago; de aprender a narrar e a nos narrar como ato político e responsável por esse mundo do qual precisamos cuidar e, ao mesmo tempo, do qual necessitamos nos cuidar (SKLIAR, 2019). Conversar talvez seja uma possibilidade de aprendermos a nos cuidar em comunidade.

Investigar como conversar, portanto, nasce e pulsa, para nós, como a não aceitação de que o mundo precise continuar tal qual está sendo, sempre que este “estar sendo” signifique silenciamento, subalternização e colonialidade. Não interessa, de forma alguma, dar visibilidade aos discursos hegemônicos, às narrativas fatalistas e generalizantes ou às falas repletas de preconceito e juízo. Interessa-nos, muito mais, os discursos e falas instituintes, as situações de palavras que se tecem e polinizam na clandestinidade e na miudeza dos cotidianos, as experiências que engravidam a vida com sonhos e utopias, as práticas e experiências que narram liberdade.

Assim sendo, querides leitores, terminamos esta carta-texto-conversa com um convite: que possamos seguir narrando nossas histórias e nossas experiências de resistência e afirmação, os gestos e acontecimentos minúsculos que, mesmo pequenos, permitem brotar e florescer esperança e força onde não são autorizadas.

Vamos continuar essa conversa? Vamos compartilhar as preciosidades minúsculas que pulsam em nossas práticas, experiências e histórias?

## Referências

ALVES, R. Variações sobre o prazer-Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2011.

FERRAROTTI, F. História e histórias de vida: o método biográfico nas ciências sociais. Natal: EduFRN, 2014.

FREIRE, P. Conscientização. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

GODOY, R.; RIBEIRO, T. Chuva de estrelas: entre metáforas e narrativas para sentir/pensar caminhos investigativos desde nossas ancestralidades. *Revista Educação Unisinos*, v.25, 2021.

GRANGEIRO, D. G. *El saber de la experiencia: la sabiduría en la trayectoria profesional de profesores jubilados*. Buenos Aires, 2014. Tese de Doctorado en Ciencias de la Educación, Universidad de Buenos Aires.

GUEDES, A.; RIBEIRO, T. Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

HOOKS, B. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

NÓVOA, A. FINGER, M. *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EduFRN, 2010.

RIBEIRO, T., SOUZA, R., SAMPAIO, C. S. *Conversa como metodologia de pesquisa. Por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SKLIAR, C. *A escuta das diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2019.

SKLIAR, C. Um convite à conversa. In: RIBEIRO; T.; SAOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. *Conversa como metodologia de pesquisa. Por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SKLIAR, C. *Hablar con desconocidos*. Barcelona: Candaya, 2014.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.